

UNIFEOB
CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO
OCTÁVIO BASTOS

PEDAGOGIA ONLINE

**PROJETO INTEGRADO
CRIATIVIDADE E MOVIMENTO**

SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP
JUNHO, 2022

UNIFEOB
CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO
OCTÁVIO BASTOS

PEDAGOGIA ONLINE

CRIATIVIDADE E MOVIMENTO

- Oficina de Práticas Atuais do Ensino de Matemática – Profª Esp. Ingridy karoline N Ferreira
- Oficina de Práticas Atuais do Ensino de Alfabetização e Letramento – Profª Me. Mariângela L Jacomini

Estudantes:

Angélica de Lima Oliveira, RA 1012021100129

Janaina dos Santos Silva, RA 1012021100088

Jheniffer Maria Pereira da Silva, RA 1012020100557

Patrícia D' Arcádia Miguel, RA1012020100959

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	OBJETIVOS	5
3	DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	6
4	CONCLUSÃO	13
	REFERÊNCIAS	14

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que o processo de alfabetização é definido como o processo de aprendizagem onde será desenvolvido a habilidade da leitura e da escrita de maneira eficiente, e posteriormente utilizamos essa habilidade como um meio de comunicação. Segundo o autor SOARES (1990),

Alfabetizar é propiciar condições para que o indivíduo-criança ou adulto tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidade de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita em todas as funções em que ela tem em nossa sociedade, também como instrumento de luta pela conquista da cidadania.

É notório verificar a importância que a alfabetização tem no meio de comunicação entre a sociedade, possibilitando o acesso entre as pessoas com o processo de ler e escrever. E torna-se evidente que esse processo é indispensável para o cotidiano atual em que vivemos, sendo necessário a todo instante fazer o uso da leitura e escrita independente de ser na escola ou no meio social. Portanto, para que possamos formar cidadãos plenamente alfabetizados necessitamos de profissionais aptos para alfabetizar. Pois, a alfabetização requer muita compreensão e paciência, pois será nesse momento que a criança estará em fase de construção do conhecimento, dando sentido a sua existência no mundo, e é extremamente importante a mediação do professor nesse processo.

Ao longo deste trabalho, iremos tratar sobre assuntos interligados entre a alfabetização e letramento, unindo esses processos com as práticas pedagógicas que são adotadas pelo professor em sala de aula, pois entendemos que o professor e as metodologias utilizadas são quem dá o norte para o processo de alfabetizar e letrar uma criança. Iremos discutir também sobre o perfil do educador relacionando com suas práticas utilizadas para que possamos compreender até que ponto as metodologias abordadas facilitam a compreensão do aluno.

Ao decorrer do desenvolvimento, iremos citar o estudo de caso que nos foi proposto, onde o Pedro que é o coordenador pedagógico de uma escola, assim que assumiu o cargo, analisando os planos de aulas dos professores, percebeu que a totalidade dos professores seguiam metodologias e práticas tradicionais valorizando a memorização e a repetição de exercícios padronizados. E as turmas que eram das salas de alfabetização, utilizavam somente os métodos tradicionais e não se arriscavam a tentar algum método novo para ensinar. Foi a partir disso que Pedro decidiu que faria uma revolução na escola introduzindo práticas atualizadas e inovadoras do ensino da Alfabetização e Letramento.

2 OBJETIVOS

- Expor a importância de profissionais capacitados e preparados para possíveis mudanças no âmbito escolar, de modo a suprir as necessidades do sistema de ensino, aprimorando o desempenho e trabalho dos professores alfabetizadores;
- Mostrar que há várias maneiras de alfabetizar e outros métodos de ensino mais inovadores;
- Conceituar alfabetização e letramento considerando o ambiente escolar e o conhecimento prévio de cada aluno;
- Definir os objetivos educacionais mais adequados para cada aluno em questão;

3 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O processo de alfabetização é desafiador, tanto para o discente, que está sendo alfabetizado, quanto para o docente, a quem incube a responsabilidade de alfabetizar. As concepções de alfabetização assumida neste estudo se referenda em Cagliari (2008, p.05) que a explica como “aprendizagem da escrita e da leitura”, ou seja, a “codificação” e a “decodificação” da escrita. Mesmo que essa forma de pensar a alfabetização pareça simples, há muitos desafios enfrentados pelo professor para que o estudante compreenda esse processo. Conforme Miriam Lemle (2009) antes de ocorrer as atividades de alfabetização, o aprendiz necessita construir alguns conceitos. O primeiro é o pensamento simbólico, ou seja, é preciso relacionar os sons da fala com as letras do alfabeto, dessa maneira o professor alfabetizador desenvolve atividades para que a criança “consiga compreender o que seja relação simbólica entre dois objetos” (LEMLE, 2009, p.8). Esse processo exigirá muito empenho do professor, além de tempo para que esse pensamento seja construído. O segundo requisito para alfabetização é a criança ser capaz de poder diferenciar as letras. Existem letras no sistema alfabético que têm sons parecidos, logo, o professor precisa explicar para as crianças que as letras não são parecidas com os objetos do cotidiano:

Note que os objetos manipulados em nosso dia a dia não se transformam ao mudarem de posição [...]. Mas um b com a haste para baixo vira p e um p virado para o outro lado vira q. [...] A criança que não leva em conta conscientemente essas percepções visuais finas não aprende a ler. (LEMLE, 2009, p.8).

Há ainda a necessidade de trabalhar a organização espacial da escrita, o educando precisa compreender que, no sistema alfabético, se escreve da esquerda para direita e de cima para baixo. Para isso, o professor pode “colocar pequenos textos na pedra, [...] apontando para as palavras correspondentes à medida que a recitação vai prosseguindo” (LEMLE, 2009, p.15), desse modo a criança pode memorizar a ordem da escrita e transpor isso no papel. Para Ferreira (2011) há a necessidade de oportunizar a escrita para as crianças mesmo antes de iniciar o processo de alfabetização, mesmo que ela ainda não saiba. Essas tentativas de escrita permitem que a criança elabore hipóteses e aprenda sobre o funcionamento e a utilidade do sistema alfabético. Após lidar com os problemas de percepção da criança, se inicia a alfabetização. Primeiramente o professor precisa ter clareza de que o processo de aprendizagem é diferente para cada discente:

O próprio conjunto de conhecimentos construídos anteriormente ao ingresso à escola não é uniforme. Alguns alunos chegam à sala de aula já tendo certa familiaridade com as letras, sabendo nomeá-las e, alguns, até entendendo a lógica de junção dessas letras para formar palavras; outros chegam sem compreender que os símbolos que usamos (letras) são convenções sociais e acham que podem escrever com rabiscos ou mesmo com desenhos. (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p.90).

Assim, o docente deve diagnosticar como ocorreu os caminhos de aprendizagem da criança e seus entendimentos sobre a língua escrita. Convenientemente, Ferreiro (2011) apontam que as hipóteses elaboradas pelas crianças sobre a escrita alfabética seguem uma evolução:

a) Hipótese Pré-silábica: a criança sabe diferenciar imagens de letras e palavras, porém acredita que existe uma relação entre as formas gráficas da escrita e seus significados. Com essa lógica ocorre com a criança o realismo nominal em que se acredita que as palavras têm relação com as características dos objetos que elas representam;

b) Hipótese silábica: estabelece relação entre a escrita e a fala, no qual a criança corresponde a cada sílaba falada com uma letra, sem se repetir. Existem dois eixos nessa fase, o quantitativo e qualitativo. No quantitativo a criança relaciona as sílabas com letras aleatórias, ou seja, as letras são usadas sem conceber seu valor sonoro, essas letras são, geralmente, as letras que compõem o nome da criança. No eixo qualitativo, as crianças usam as letras, geralmente vogais, conforme seu valor sonoro convencional;

c) Hipótese silábica-alfabética: nesse período a criança se prepara para construir um novo processo de escrita, pois o processo silábico se desestabiliza progressivamente quando a criança descobre que uma sílaba é formada por elementos menores;

d) Hipótese alfabética: ocorre a compreensão do sistema de escrita, no qual a criança consegue identificar e construir palavras, pois reconhece os fonemas da língua. Como os educandos possuem níveis de aprendizagem e necessidades diferentes, o professor possui mais um desafio: atender a todas as demandas que a turma oferece e escolher as melhores atividades para cada aprendiz. “Se, além disso, soubermos atuar com todos eles ao mesmo tempo, atendendo às diferentes demandas e auxiliando-os, teremos construído um belo perfil conquanto professor(a)-alfabetizador(a).” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p.91)

Para desenvolver as atividades que favoreçam ao estudante o alcance da hipótese alfabética, o docente precisa encarar também os desafios linguísticos do processo de “codificação” e “decodificação”. Para isso, é preciso o desenvolvimento da consciência fonológica, esse termo é usado para designar a “capacidade humana de reflexão consciente sobre a linguagem” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p.73) que exige conjuntos de habilidades “com níveis de complexidade variados” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p.75). Miriam Lemle (2009) também menciona sobre a relevância da criança ter consciência dos sons da fala e destaca a importância de ouvir atentamente, pois “se as letras simbolizam sons da fala, é preciso ouvir diferenças linguisticamente relevantes entre esses sons, de modo que se possa escolher a letra certa para simbolizar cada som” (LEMLE, 2009, p. 09).

Posteriormente, é necessário saber separar as palavras conforme seu conceito, “o tipo de dificuldade na apreensão de unidades vocabulares que se observa muitas vezes na prática de ensino são coisas como uma vez, minha avó, ou seja, falta de separação onde existe uma fronteira vocabular” (LEMLE, 2009, p. 11). Moraes, Albuquerque e Leal (2005) propõe para cada nível uma atividade de consciência fonológica que ajudam os educandos a avançarem em suas hipóteses. Para uma criança superar o realismo nominal, característica presente no nível de hipótese pré-silábica, e perceber que a palavra boi é menor que a palavra formiga é essencial que ela reflita sobre sua fala com a mediação do professor no trabalho com os fonemas. Com isso o estudante atinge a hipótese silábica, no qual definirá uma letra para cada sílaba da palavra, buscando o avanço para o nível de hipótese alfabética, o docente pode usar letras recortadas para proporcionar reflexão sobre a quantidade de sons e letras nas sílabas. Portanto, “para alcançar hipóteses silábicas, silábico alfabéticas e alfabéticas de escrita, os aprendizes precisam pensar na sequência de partes sonoras das palavras” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p.87). Ao alcançar o nível de hipótese alfabética, o professor enfrenta outro problema que condiz com a Língua Portuguesa: muitas palavras faladas não correspondem com sua forma escrita. Há uma tendência de falar palavras que terminam com E e O serem substituídas, respectivamente, por I e U ou ser pronunciado U quando palavras possuem L:

O professor deve estar apto a explicar que a posição precisa ser levada em conta para a correspondência entre sons e letras. Assim, no fim das palavras é a letra O que transcreve o som [u], e é a letra E que transcreve o som [i]. Em relação ao fim da sílaba, ocorreu na região em que vivemos uma mudança de pronúncia do L e por isso pronunciamos como [u] essa partezinha da palavra que nossos avós pronunciavam como [l]. (LEMLE, 2009, p. 20).

Mesmo que os aspectos citados acima sejam importantes para a alfabetização, atualmente se exige da escola um avanço na questão da leitura e escrita, pois somente os 18704 conhecimentos sobre “codificação” e “decodificação” não assegura que os estudantes sejam capazes de produzir e interpretar vários gêneros textuais. Assim, o “conceito de alfabetização passou a ser vinculado a outro fenômeno: o letramento” (SANTOS; MENDONÇA, 2007, p.16) e com isso o professor se defronta com o desafio de alfabetizar letrando. O letramento demanda a leitura e produção de diversos gêneros de textos que circulam socialmente com o intuito de formar leitores críticos e cidadãos que consigam interpretar vários textos, entendendo sua estrutura e forma de comunicação. “Alfabetizar letrando é, portanto, oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético” (SANTOS; MENDONÇA, 2007, p.98). Para que as aulas de alfabetização atendam a estas demandas também, os planejamentos didáticos preveem o convívio com diversos textos e o trabalho com as palavras desses textos, para que reflitam sobre o sistema alfabéticos como abordado anteriormente:

Assim, acreditamos que, através da atividade de planejar, podemos refletir sobre nossas decisões, considerando as habilidades e os conhecimentos prévios dos alunos, e podemos conduzir melhor a aula, prevendo dificuldades dos alunos, organizando o tempo de forma mais sistemática e avaliando os resultados obtidos. (SANTOS; MENDONÇA, 2007, p. 76). Por conseguinte, para uma atividade de consciência fonológica considerar o nível de hipótese que a criança se encontra, o nível linguístico que a tarefa exige e as mudanças ocorridas na fala, é preciso planejamento, reflexão e aperfeiçoamento da prática pedagógica.

Pedro poderia trabalhar um projeto de intervenção pedagógica, intitulado Projeto Ler e Escrever com os Animais desenvolvido em uma turma de primeiro ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pode-se perceber os desafios encontrados no processo de alfabetização, sob a perspectiva docente.

Na primeira etapa do projeto mencionado acima, seria realizada uma atividade de sondagem, visando observar em qual nível da escrita a turma se encontrava. Trata-se de uma atividade de mobilização para o projeto, que tem como objetivo o registro por meio da escrita de nomes de animais, abordando a linguagem escrita. Nesta fase do projeto, as crianças foram orientadas a escrever nomes de animais, da forma que acreditassem estar correto, logo, as professoras não interferiram na escrita das crianças, pois isso dificultaria a sua análise. É importante ressaltar que as atividades desenvolvidas devem estar próximas a realidade das crianças, de modo a proporcionar uma aprendizagem significativa, que corresponde a uma aprendizagem “plena de sentido para o educando” (LOUREIRO, 2005, p. 55), uma vez que, ao considerar o contexto no qual as crianças estão inseridas, possibilita-se a participação efetiva dos estudantes no desenvolvimento das atividades. Dessa forma, por meio da atividade de sondagem vai ser especificado qual nível de escrita cada criança se encontra.

Portanto, as crianças são capazes de se expressar por meio da escrita, porém, cada uma à sua maneira, de acordo com o nível de escrita que se encontra. Logo, esta atividade inicial oferece ao professor subsídios para que o mesmo conheça os seus alunos, pois no processo de alfabetização, o docente deve “[...] pensar em cada aluno, em suas características e suas necessidades, para desenvolver atividades que permitam intervenções pedagógicas mais específicas em determinados momentos” (GONÇALVES, 2016, p.54), sendo assim, antes de dar início a sequência de atividades, evidencia-se a necessidade de realizar uma atividade de sondagem, que permita ao professor coletar dados sobre seus alunos, percebendo em qual nível da escrita eles se encontram.

A atividade de sondagem evidencia a diversidade com relação a escrita das crianças em uma mesma turma, o que pressupõe o desenvolvimento de atividades diferenciadas visando oferecer à cada criança, atividades de acordo com o seu desenvolvimento, pois é um equívoco esperar que todas as crianças realizem a mesma atividade, uma vez que, os desafios da escrita são diferentes em cada nível da escrita. Para tanto, na segunda etapa do projeto, cada criança terá a oportunidade de realizar atividades coerentes ao nível de escrita no qual se encontravam, atividades estas que visavam trabalhar a necessidade de cada criança, para que todas possam evoluir e chegar ao mesmo nível, promovendo assim, a equidade na educação, que por sua vez, “significa disponibilizar a todos e a cada um o necessário para sua emancipação social”, uma vez que, “oferecer o mesmo a todos não garante o direito, ao contrário, caracteriza-se pela injustiça social” (CURITIBA, 2014). Segundo Ferreiro (2011), no nível pré-silábico a criança encontra dificuldades para estabelecer a distinção entre o modo de representação icônico (imagens visuais) e não icônico (símbolos da escrita alfabética), assim sendo, para esta fase da escrita, há a necessidade de desenvolver atividades nas quais a criança estabeleça relações entre palavras e figuras, para que ela perceba que a palavra não tem relações com as figuras, e sim com as pautas sonoras.

De acordo com a mesma autora, no nível silábico a criança descobre que “a quantidade de letras com que se vai escrever uma palavra pode ter correspondência com a quantidade de partes que se reconhece uma emissão oral” (FERREIRO, 2011, p. 27), ou seja, a criança acredita que para cada sílaba há uma letra, logo, há a necessidade de promover atividades em que as crianças organizem as sílabas a fim de formar palavras, de modo a perceber que algumas sílabas possuem mais de uma letra. Já no nível silábico-alfabético, caracterizada pela transição entre o nível silábico para o alfabético, pode-se desenvolver atividades cujo objetivo é organizar as letras de modo a formar palavras. Por fim, no nível alfabético “a criança descobre que a sílaba não pode ser considerada como uma unidade, mas ela é, por sua vez, reanalisável em elementos menores” (FERREIRO, 2011, p. 29), logo, para estas crianças pode ser elaborada atividades que enfatizem a leitura, como por exemplo uma caça-palavras. Todavia, planejar atividades diferenciadas pensando nas necessidades de cada criança, exige do docente tempo e empenho, pois não se trata apenas de elaborar atividade, é necessário o estudo de cada nível da escrita e seleção de material de apoio. Além da disponibilidade para atender cada criança no desenvolvimento das atividades, tendo em vista que em uma turma existem aproximadamente trinta crianças e cada uma requer uma atenção especial.

O processo de alfabetização é um dos mais importantes da vida escolar das crianças, pois a escrita corresponde a uma forma de expressão da linguagem, que por sua vez favorece “as relações pessoais e institucionais e a participação da vida em sociedade” (BRASIL, 2016, p. 86), pois é por meio das práticas de linguagem que os sujeitos “(inter)agem no mundo e constroem significados coletivos” (BRASIL, 2016, p. 86). Logo, em diversas instituições este processo ocorre de forma maçante, desprezando a ludicidade. A ludicidade no que lhe diz respeito, é de suma importância nos processos de ensino e aprendizagem, logo, no processo de alfabetização não seria diferente. Diante desta perspectiva, Albrecht (2009), afirma que a ludicidade proporciona momentos de prazer, descontração e aprendizagem para as crianças, além de permitir que as crianças aprendam brincando. Considerando esta concepção, na terceira etapa do projeto de alfabetização em questão, será desenvolvida uma atividade caracterizada por um jogo de tabuleiro, cujo objetivo seria incentivar a escrita, pois as crianças deveriam escrever os nomes dos animais presentes no jogo proposto. Neste jogo, as crianças jogavam um dado e serviam como marcadores no tabuleiro, deslocando-se de acordo com a quantidade representada no número do dado. E cada casa do tabuleiro correspondia a um animal, então, as crianças deveriam escrever o nome do animal ao lado da sua figura. Ao término do jogo, as crianças escrevem em uma folha os nomes de todos os animais presentes no jogo.

Dessa forma, o jogo servirá como momento inicial da atividade, mais especificamente uma mobilização para o conhecimento, pois o jogo chamará a atenção das crianças, e de certa forma as incentivaram a realizar a atividade por meio da prática de escrita. Portanto, é possível incluir a ludicidade no processo de alfabetização, porém, requer a criatividade do docente do momento do planejamento, tendo em vista que a alfabetização não deve ser maçante, mas também não pode ser trocada apenas pelas brincadeira, uma vez que, no ciclo I dos anos iniciais do ensino fundamental, tem como objetivo desenvolver no estudante a capacidade de “compreender o sistema de escrita alfabética, dominando as relações grafofônicas, a fim de ler, produzir textos e perceber a função deles nas práticas sociais” (CURITIBA, 2016, p. 31). Todavia se trata de crianças com idades entre quatro e cinco anos, de acordo com o art. 6º da LBD 3, que tornou obrigatória a matrícula de crianças a partir dos quatro anos de idade no primeiro ano da educação básica, crianças que até então estariam na pré-escola, onde a ludicidade é abordada frequentemente respeitando o desenvolvimento das crianças, logo, seria um equívoco não abordá-la no primeiro ano durante o processo de alfabetização.

4 CONCLUSÃO

Conclui-se que o processo de alfabetização é dado como "codificação" e "decodificação" da escrita. Esse processo é desafiador tanto para o professor quanto para o aluno, pois exige a participação de ambos para que o aprendizado ocorra de forma eficaz. Para instigar a atenção dos alunos, o professor pode levar um pouco da ludicidade para a sala de aula, tornando a aula mais atrativa para os alunos e ao mesmo tempo reforçando o conteúdo trabalhado.

Antes de iniciar o processo de alfabetização é necessário que o professor ajude o aluno a construir alguns conceitos, como reconhecer as letras pelo som ao pronunciar as palavras, entre outras, que irão auxiliar na compreensão deste processo.

O professor deve levar em consideração que existem várias formas de aprender e que nem sempre o mesmo método funcionará para todos. Sendo assim o docente deve avaliar o nível de aprendizagem de cada criança e adaptando a forma de ensino que mais se adequa.

É muito importante que a alfabetização seja trabalhada junto com o letramento. Pois somente com alfabetização o leitor se encontra limitado ao compreender e interpretar alguns gêneros textuais.

O letramento usa diversos gêneros textuais com o objetivo de tornar leitores com senso crítico, capaz de interpretar diversos gêneros textuais e sua forma de comunicação, preparando a criança para a convivência social.

REFERÊNCIAS

- ALBRECHT, Tatiana D'ornellas. **Atividades lúdicas no ensino fundamental**: uma intervenção pedagógica. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2009. 106 p.
- BRASIL, **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC, 2016.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: 2009. Págs 5-11
- ENS, Romilda Teodora. **Pesquisa em educação**. Curitiba: 2008.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 26 ed. São Paulo: Cortez, 2011. 23-42 p.
- GONÇALVES, Ângela Vidal. **Alfabetizar: por onde começar?** In: GOULART, Cecília M. A.;
- SOUZA, Marta Lima de (coord.). **Como alfabetizar? Na roda com professoras dos anos iniciais**. Campinas: **Papirus, 2016**. Cap. 3. 45-56.
- LEMLE, Miriam. **Guia teórico do Alfabetizador**. 17 ed. São Paulo: Ática, 2009. 71p.
- LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Alfabetização: uma perspectiva humanista e progressista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.